

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS ARQUITETAS NO CAMPO DA ARQUITETURA E URBANISMO. ABORDAGENS A PARTIR DE REVISTAS ESPECIALIZADAS, BOLETINS E DIAGNÓSTICOS INSTITUCIONAIS

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos, jose.espinoza@ufba.br
DA SILVA CERQUEIRA, Laís, lais.cerqueira@ufba.br
PARANHOS DE SANTANA LIMA, Leandra, leandra.paranhos@ufba.br
CÂNDIDA NOVAIS PEDRA, Manuella, manuella.candida@ufba.br
MAYUMI ISHIKO, Tamires, tamires.mayumi@ufba.br
CLARA SARAIVA PFEIFER, Hannah, hannahcsp@ufba.br

Universidade Federal da Bahia,

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir sobre o estereótipo da atuação profissional das mulheres no campo da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil, desde de 1923 até 2020, a partir da análise de revistas especializadas (*A casa e Guanabara/Arquitetura*), do *Boletim do Instituto dos Arquitetos do Brasil* / Departamento de São Paulo - IAB e o recente diagnóstico do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR (2020). Este trabalho é resultado parcial de investigações e discussões que acontecem na pesquisa "Arquitetas e Urbanistas (des)conhecidas" da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - UFBA e pretende associar os resultados encontrados com o diagnóstico realizado pelo CAU/BR através de uma análise quantitativa e qualitativa. Com isso, pretendemos fomentar uma reflexão sobre como as arquitetas ocupam e se inserem no campo profissional, evidenciando um padrão na atuação das mulheres, com poucas mudanças significativas ao longo dos anos, tanto na graduação quanto na própria prática profissional.

Palavras chave:

gênero, arquitetas, revistas especializadas, diagnósticos.

Abstract

The purpose of this article is to discuss the stereotype of the professional performance of women in the field of Architecture and Urbanism in Brazil, from 1923 to 2020, based on the analysis of specialized magazines (*A casa* and *Guanabara/Arquitetura*), *Bulletins of the Institute of Architects of Brazil* | Department of São Paulo - IAB and the recent diagnoses of the Council of Architecture and Urbanism of Brazil - CAU/BR (2020). This article is a partial result of investigations and discussions that take place in the research "Women Architects and Urbanists (un)known" from the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia - UFBA and intends to associate the results found with the diagnosis made by CAU-BR through a quantitative and qualitative analysis. With this, we intend to promote a reflection on how architects occupy and insert themselves in the professional field, showing a pattern in the performance of women, with few significant changes over the years, which involves from the scope of graduation to professional practice.

Keywords:

gender, architects, specialized magazines, diagnoses.

Introdução

O gênero por muito tempo determinou a facilidade ou dificuldade de acesso e permanência em determinadas áreas de trabalho; na arquitetura isto não foi diferente. Apesar de atualmente existir uma alta aderência de mulheres a algumas profissões, e em alguns recortes chegando a serem maioria, isto nem sempre foi uma realidade. A discussão em relação à questão de gênero ainda é muito recente e pouco explorada na história da arquitetura e do urbanismo. Por isso, a atual inquietação se faz necessária para entendermos qual o espaço que as mulheres estão ocupando, já ocuparam, e de que forma estão inseridas no campo profissional da arquitetura e do urbanismo.

Segundo Montaner e Muxí (2014) a construção social e cultural do gênero se articula com uma ideia hierárquica do que é apropriado para mulheres e homens, incluindo o reflexo disto na arquitetura e no urbanismo: público e privado, interior e exterior. Quem nunca escutou que o "lugar da mulher é em casa?". Esse famoso clichê é a clara representatividade da reprodução de uma estrutura patriarcal que atinge as relações de poder e o entendimento dos espaços públicos e privados associados ao masculino e feminino, respectivamente.

A construção dos gêneros articula-se de acordo com as hierarquias que a estrutura patriarcal traz consigo, e os papéis de gênero são uma definição sociocultural sobre aquilo que é apropriado para cada sexo. A cada papel corresponde um espaço: a casa e a cidade, [...] a rua para os homens; a rua e o interior controlados para as mulheres (Montaner; Muxi, 2014, 197-198)

Entender historicamente essa estruturação cultural e social na qual a sociedade se desenvolveu nos permite olhar adiante e compreender formas de alterar essa realidade, fomentando uma reflexão acerca da inserção feminina no campo profissional. Ideias generalizadas provenientes de senso comum acerca das atividades destinadas às mulheres geram concepções que impossibilitam o pleno desempenho no trabalho além de reduzirem oportunidades. A reprodução de uma estrutura patriarcal afeta o entendimento dos espaços público e privado como extensões do ser ao masculino e feminino, respectivamente (Montaner; Muxi, 2014). Na arquitetura e no urbanismo essa assimilação acontece ao verificarmos a predominância de mulheres nos assuntos relacionados à arte, casa e decoração (espaço privado/intimo) enquanto que não é muito visto em projetos, construções de grande porte e premiações (espaço público/coletivo).

O estudo das revistas e boletins institucionais revelam a forma como historicamente se deu a inserção das mulheres no campo da arquitetura e urbanismo e, em comparação com os recentes diagnósticos do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), será possível perceber poucas mudanças significativas ao longo dos anos. Este trabalho faz parte de pesquisas em andamento na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, desenvolvidas pelo grupo de pesquisa LAB 20. Por isso, são exemplares que já estão organizados e com levantamento de dados sistematizado. Além disso, são publicações brasileiras e possuem características diferentes entre si, o que permite uma análise mais completa sobre o tema. A revista *A casa* era comercial e vendida nas bancas de revistas; a revista *Guanabara/Arquitetura* era vinculada ao Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB/Guanabara; e o *Boletim do IABsp* possuía também um vínculo institucional, assim como o *Diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo* que, no entanto, foi uma pesquisa realizada na contemporaneidade e em todo o país pelo CAU/BR.

O primeiro ponto de análise deste artigo serão as revistas especializadas *A casa* (1923-1952) e *Guanabara/Arquitetura* (1961-1968) que fazem parte das bases da pesquisa *Arquitetas e Urbanistas (des)conhecidas* do grupo LAB20, vigente desde 2018, e que vem levantando dados quantitativos a partir de diversas revistas especializadas sobre a atuação das mulheres no campo e fazendo análises qualitativas acerca dos resultados encontrados. Essas revistas configuram o início do recorte temporal deste artigo. Como segundo ponto de análise temos o levantamento do *Boletim do IAB* - Instituto dos Arquitetos do Brasil/Departamento de São Paulo, publicado entre 1954-2009, que apurou o quantitativo de homens e mulheres nas publicações e espaços de poder ao longo destes anos. Por último, utilizou-se como fonte de pesquisa e comparação o *1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo* realizado em 2020 e promovido pela *Comis-*

são Temporária para Equidade de Gênero (CTEG) do CAU/BR, através de coleta de dados e entrevistas, onde é possível ver a realidade atual da questão de gênero dentro do campo profissional.

A partir das revistas, do boletim e do diagnóstico é possível fazer uma análise histórica do recorte brasileiro de gênero na arquitetura e urbanismo. O quantitativo levantado traz um panorama geral da realidade profissional das mulheres a partir da sua visibilidade (ou falta dela) nos espaços destinados ao campo profissional e a partir daí é possível trazer uma análise qualitativa sobre o tema, revelando relações históricas e seus reflexos sociais.

As revistas especializadas e boletins como reflexo do campo profissional

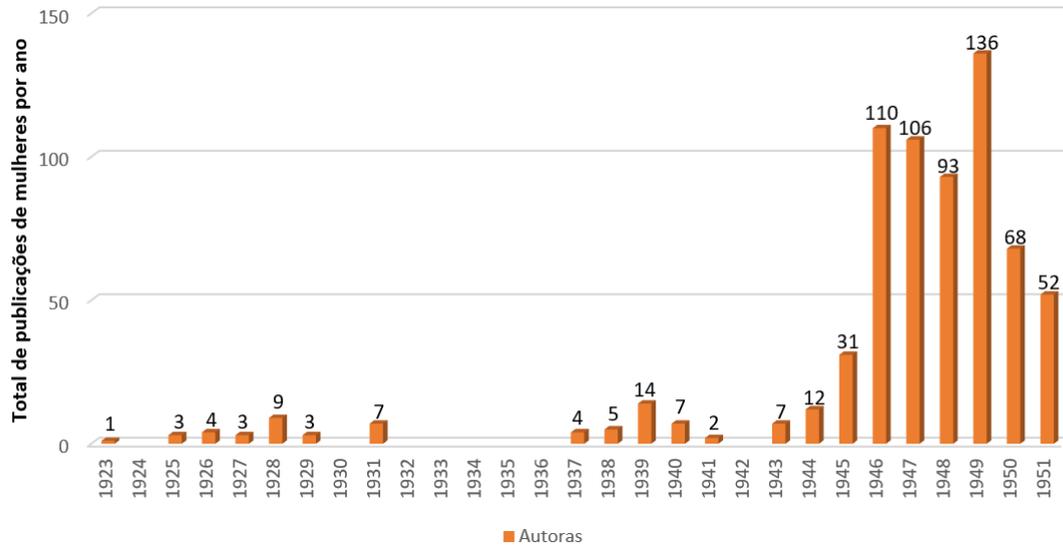
Uma das revistas analisadas foi *A Casa*, publicada no Rio de Janeiro, no período entre 1923 e 1952. Considerando que se trata de uma revista que conta com cerca de 290 edições, foram encontradas e analisadas 261 amostras (equivalente a em média 90% do total)²³.

O processo de levantamento, catalogação e análise foi realizado para perceber a presença das mulheres durante o período de publicação da revista — feito a partir das edições das revistas encontradas no acervo da Biblioteca Pública Central dos Barris, Salvador – BA, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Biblioteca Club de Engenharia, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Universidade de São Paulo – Campus São Carlos e na Biblioteca Central da Universidade de São Paulo – Politécnica — e nos revelam dois aspectos importantes: (1) A padronização clara dos temas nos quais mulheres aparecem, (2) A simplicidade insuficiente no que diz respeito à identificação das raras mulheres que participam de publicações. Analisaremos, portanto, como esse processo aparece nas edições da revista e como ele atua na invisibilização e cerceamento das atividades das profissionais de arquitetura da época.

Inicialmente, é necessário considerar que a atuação das mulheres no campo da arquitetura é delimitada a um processo de dominação masculina que se impõe a partir de uma estrutura sistêmica e está presente em todas as camadas da vivência social. Isso se reflete em como e onde a figura feminina e suas respectivas produções devem aparecer. Esses lugares permitidos sob o aval social estão majoritariamente relacionados aos espaços de cuidado, boas maneiras, beleza, dentre outros. Essas constatações também estão visivelmente presentes nos dados alcançados na pesquisa da revista.

²³ Neste artigo foram analisadas somente 261 edições da revista (1923-1952) já que não foi possível ter acesso à coleção completa.

Gráfico 01: Presença das mulheres ao longo do tempo na revista *A Casa*.²⁴ Fonte: elaboração dos autores, 2022.

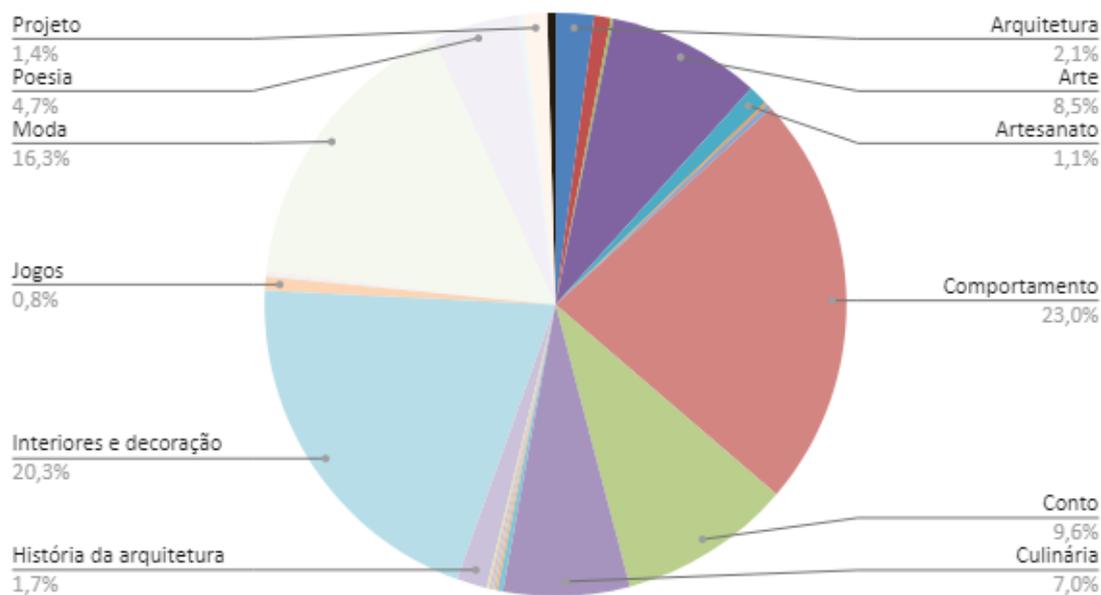


Em relação ao período de publicação, foi possível perceber que entre 1946 e 1949 a presença delas se torna mais evidente a partir da publicação de artigos diversos (Gráfico 01). Constatou-se que as temáticas que mais frequentemente são levantadas ou redigidas por mulheres são referentes a Comportamento (23%), Interiores e Decoração (20,3%) e Moda (16,3%). Em contraste, ainda que se trate de uma revista especializada em arquitetura, apenas 1,4% de artigos/trabalhos feitos por mãos femininas dizem respeito à Elaboração de Projetos, 1,7% é conteúdo referente a História da Arquitetura e Arquitetura Social obteve apenas 2,1% (Gráfico 02)²⁵. Isto é, as mulheres tiveram pouco espaço para discussão ou pouco apareciam em conteúdos de arquitetura do ponto de vista teórico e social, revelando a cultura da sociedade voltada para a assimilação da mulher com o espaço privado (Montaner; Muxi, 2014).

²⁴ As informações levantadas foram apenas das publicações de mulheres.

²⁵ Aqui trata-se apenas das porcentagens majoritárias. As porcentagens totais podem ser encontradas no Gráfico 02.

Gráfico 02: Temas abordados por mulheres em seus artigos na revista A Casa. Fonte: elaboração dos autores, 2022.



Além da pouca presença feminina em temas técnicos de arquitetura, as autorias nas publicações das revistas especializadas acontecem de forma restrita. Quando se trata de qualquer artigo, projeto ou publicação, produzida por um homem, tem-se o nome do autor e seu sobrenome para melhor identificação, enquanto que, no caso das mulheres acontece frequentemente apenas o primeiro nome, a exemplo de “Maria Luiza”, “Úrsula” ou “Helena” que apareceram em algumas das matérias da revista analisada²⁶.

Isto abre, portanto, espaço para dúvidas: porque será que justamente dessas temáticas específicas, e quando se trata especificamente do gênero mulher, tal forma de identificação da autoria se dá dessa maneira? Seriam de fato mulheres a escreverem tais artigos? E se sim, seria de

²⁶Autoras de publicações na revista de número 265 (1946) com temáticas de comportamento, moda e interiores, respectivamente.

fato do interesse dos editores da revista que elas fossem identificadas? Tais respostas não serão possíveis de se alcançar com os dados obtidos, mas há de se questionar se, mesclando os dados levantados com o sistema social brasileiro, possam surgir padrões suscetíveis a críticas, dúvidas e possível consternação.

Além da revista *A Casa*, a revista *Guanabara/Arquitetura* (1961-1968) também foi objeto de estudo e análise. De acordo com Lima (2020), a revista surge com o nome *Guanabara*, no início da década de 1960, como uma iniciativa do núcleo do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) do Estado da Guanabara, a fim de ser uma extensão dos Boletins Mensais publicados pelo IAB do Rio de Janeiro. O IAB é uma entidade sem fins lucrativos, é o primeiro a ser fundado, em 1943, com a intenção justamente de promover debates e reflexões de pautas contemporâneas acerca da arquitetura e do urbanismo (IABsp, 2022) e, é a partir dessa troca, ocorrida em dezembro de 1962, que a revista começa a ter publicações regulares mensais, passando a se chamar revista *Arquitetura*. Esta deixa de ser editada após 1968 devido às repressões da ditadura militar e volta a circular após quase 10 anos, em 1977, se estendendo até 1998 (Lima, 2020). Para esta pesquisa, foram analisadas apenas as 77 edições da primeira fase.

A partir do levantamento das revistas foi possível verificar a relação da quantidade total de edições publicadas com a quantidade de autores e autoras. A revista conta com uma diversidade de escritores, vindos de diferentes estados brasileiros e de diferentes países. Os gráficos abaixo (Gráfico 03 e Gráfico 04) evidenciam, quantitativamente, a discrepância entre o número de publicações de autores homens e mulheres da revista *Guanabara/Arquitetura* e o quantitativo dessas publicações por ano. Ao todo, foram levantadas cerca 1.333 publicações e, dessas, apenas 1,95% foram escritas por mulheres identificadas²⁷. O total de publicações com autores homens chega a 35,10% e as publicações com autores não identificados correspondem a 62,94%.

A partir do Gráfico 03, podemos aferir que os artigos publicados de autoras mulheres, apesar de serem mínimas, começam a ter mais espaço após a mudança do nome da revista para *Arquitetura*. Essas se dividem em artigos de projetos, de paisagismo, de notícias/destaques, de editoriais e de painéis. Além de analisar essa destoante relação entre autores e autoras, foi feito o levantamento das arquitetas mencionadas nas publicações. Ao longo das 1.333 publicações foram identificadas somente cerca de 152 mulheres arquitetas. Também foi feito o levantamento de mulheres citadas na revista, mas não identificadas como arquitetas, que somam aproximadamente 27 mulheres.

²⁷ Consideramos "mulheres identificadas" as autoras em que o nome completo aparece nas publicações.

Gráfico 03: Quantidade de publicações de autores(as) da revista *Guanabara/Arquitetura*. Fonte: elaboração dos autores, 2022

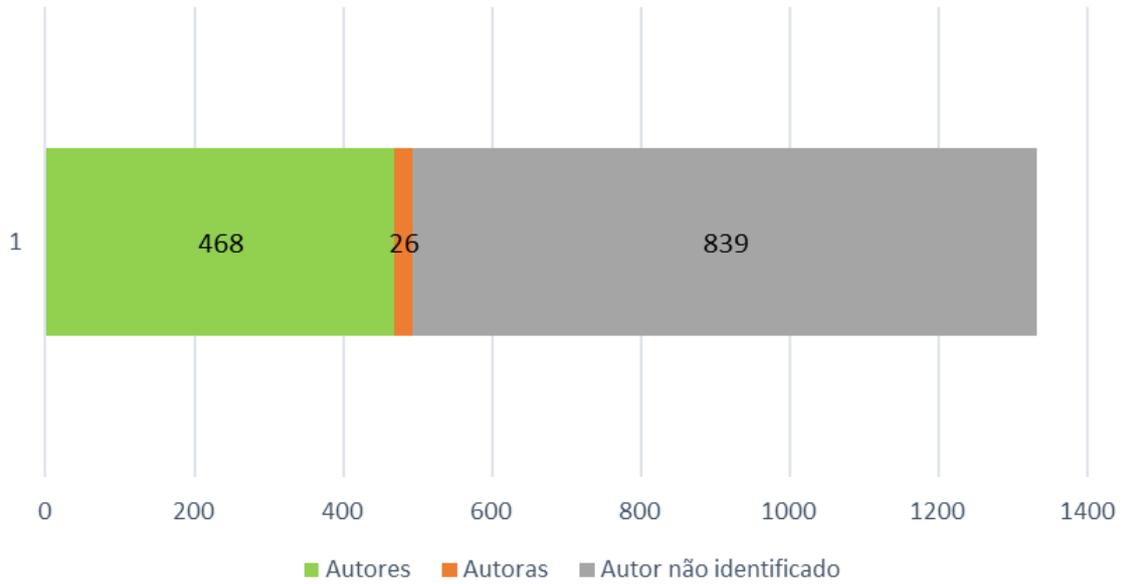
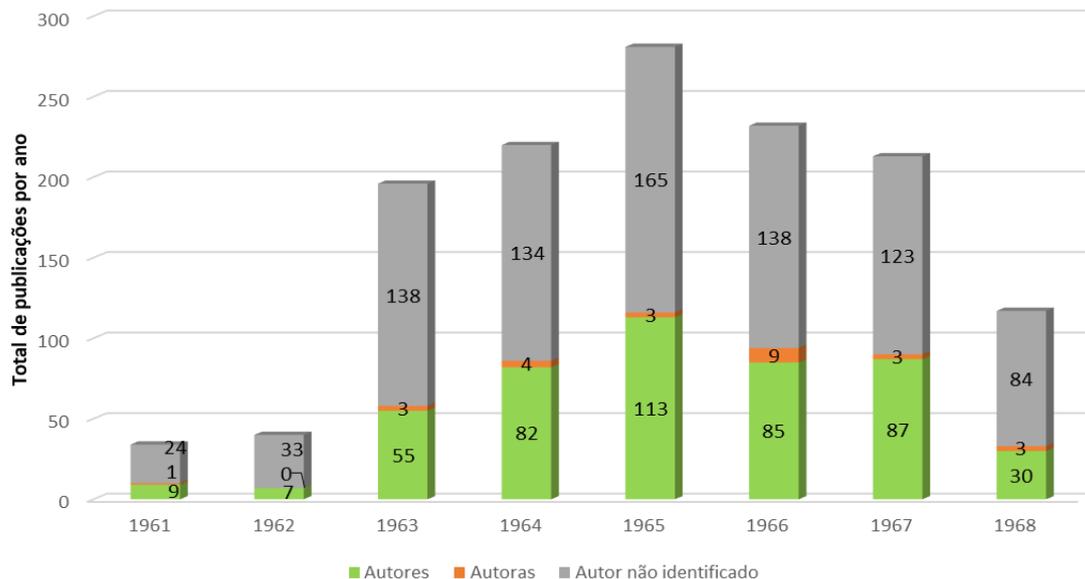


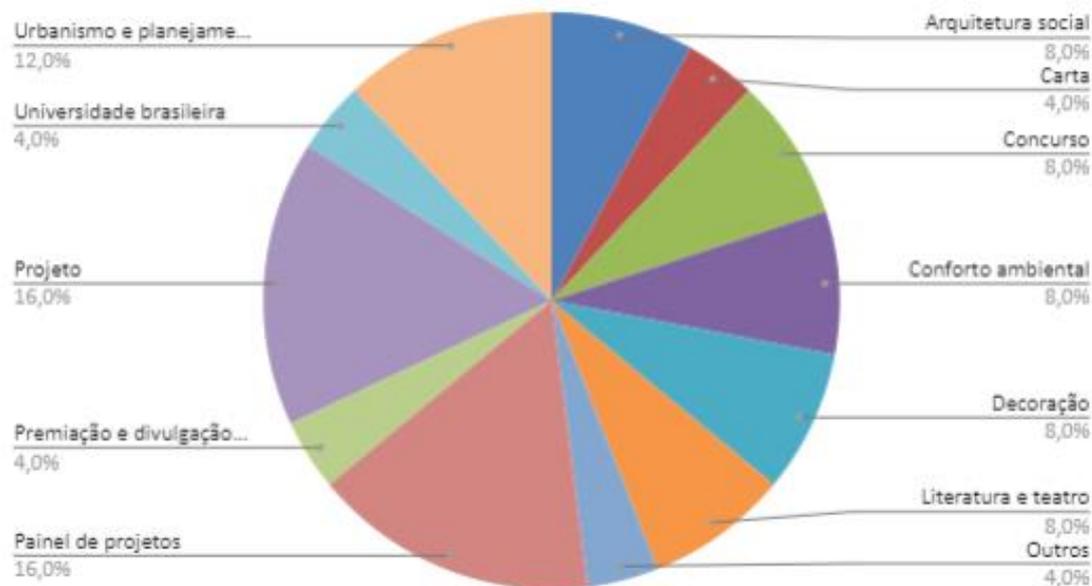
Gráfico 04: Quantidade de artigos publicados (por ano) na revista *Guanabara/Arquitetura*. Fonte: elaboração dos autores, 2022.



Em ambas as revistas percebe-se um aumento no número de publicações escritas por mulheres no decorrer dos anos. Analisando os materiais levantados, o cargo de direção, ao que parece, não teve uma influência direta nesta questão, visto que tanto a revista *A Casa*, como a revista *Guanabara/Arquitetura*, foram dirigidas por homens²⁸ durante seus respectivos períodos de circulação.

²⁸ Os diretores da revista *A Casa* foram Cordeiro de Azevedo e Braz Jordão. Os diretores da revista *Guanabara/Arquitetura* foram Álvaro Pacheco e Alfredo L. Filho (1961-1962) e; Maurício Nogueira Batista (1963-1968).

Gráfico 05: Temas abordados por mulheres em seus artigos na revista Guanabara/Arquitetura. Fonte: Elaboração dos autores, 2022.



Já em relação ao conteúdo, diferente do que ocorre na revista *A Casa*, os artigos da revista *Guanabara/Arquitetura*, escritos por mulheres, têm assuntos mais voltados para a área de projeto arquitetônico e urbanístico. Esse tema aparece em 44% das 26 publicações feitas pelas autoras identificadas, considerando as categorias Projeto, Painel de projetos, Concurso e Premiações, como indicadas no Gráfico 05. Também são abordados tópicos ligados diretamente a arquitetura e urbanismo como Arquitetura social (8%), Conforto ambiental (8%), e Urbanismo e planejamento urbano (12%).

Como já citado, existiu um apagamento nas informações que dificultou o reconhecimento e visibilidade do trabalho de muitos profissionais, isso porque a percentagem de autores não identi-

cados é superior ao da percentagem de autores e autoras identificadas, afetando negativamente sobretudo as arquitetas e urbanistas. A revista *Guanabara/Arquitetura* foi um veículo de comunicação que tentou aprofundar nas temáticas que envolvem diretamente arquitetura e urbanismo e fica perceptível por meio dos gráficos e das informações encontradas que apesar do espaço dado às mulheres não ter sido inexistente a variedade de participação e discussão em relação ao gênero foi escassa.

O terceiro veículo de comunicação analisado foi o *Boletim do IAB*, publicado pelo departamento de São Paulo (IABsp), entre 1954 e 2009. Da mesma forma que nas outras revistas, foram analisadas 178 edições buscando identificar e quantificar a aparição de mulheres nas publicações ao longo dos anos; além disso, outro aspecto importante na análise deste periódico levou em consideração a busca também por mulheres ocupando cargos de poder, e a consequência da presença feminina em um cargo de gestão, como iremos ver no caso da presidência do próprio IAB.

Criado durante a gestão do arquiteto Rino Levi (1954–1955), o *Boletim IABsp* surge, segundo a própria entidade, a partir da necessidade de instaurar uma comunicação mais direta e ampla da instituição com os profissionais da área e o público em geral, a fim de levantar debates e críticas, provocar reflexões, explorar assuntos da área, promover e divulgar concursos e prêmios (IABsp, 2022).

O recorte temporal²⁹ analisado nos permite ter um panorama amplo da reflexão acerca de como é construída a imagem da mulher no campo da arquitetura e do urbanismo, assim como a sua participação, já que o veículo analisado está ligado a um dos mais importantes órgãos de referência nacional da profissão.

A análise do total das edições pesquisadas nos permite quantificar o número de aparições de mulheres e homens. O Gráfico 06 nos dá uma dimensão da quantidade de autores, autoras e autor desconhecido, enquanto o Gráfico 07 nos dá essa dimensão por ano das publicações, permitindo uma análise na perspectiva do gênero.

²⁹ Dentro deste recorte temporal de 55 anos durante os seguintes anos: 1961–1979, 1982–1984, 1989 e 1993 não foram publicados o *Boletim IABsp* pelo Instituto.

Gráfico 06 - Quantidade de publicações do *Boletim IABsp*. Fonte: elaboração dos autores, 2022.

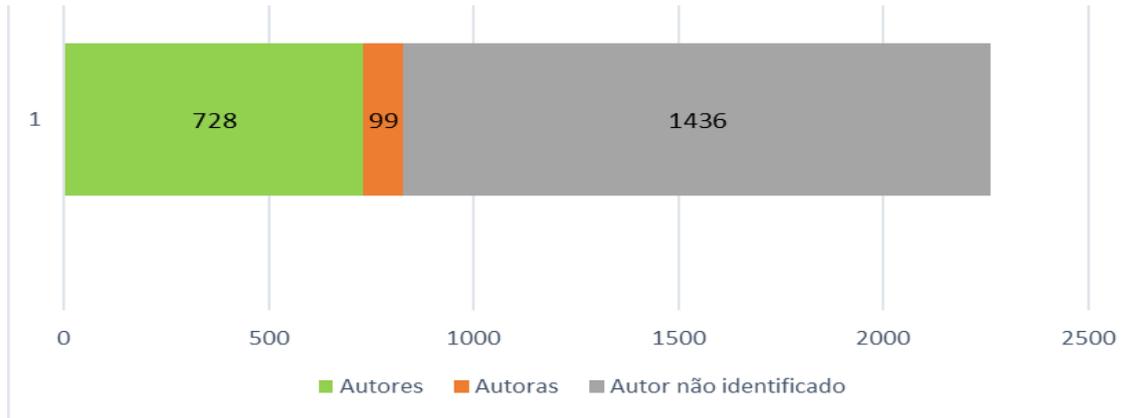


Gráfico 07 - Quantidade de publicações por ano no *Boletim IABsp*. Fonte: elaboração dos autores, 2022.

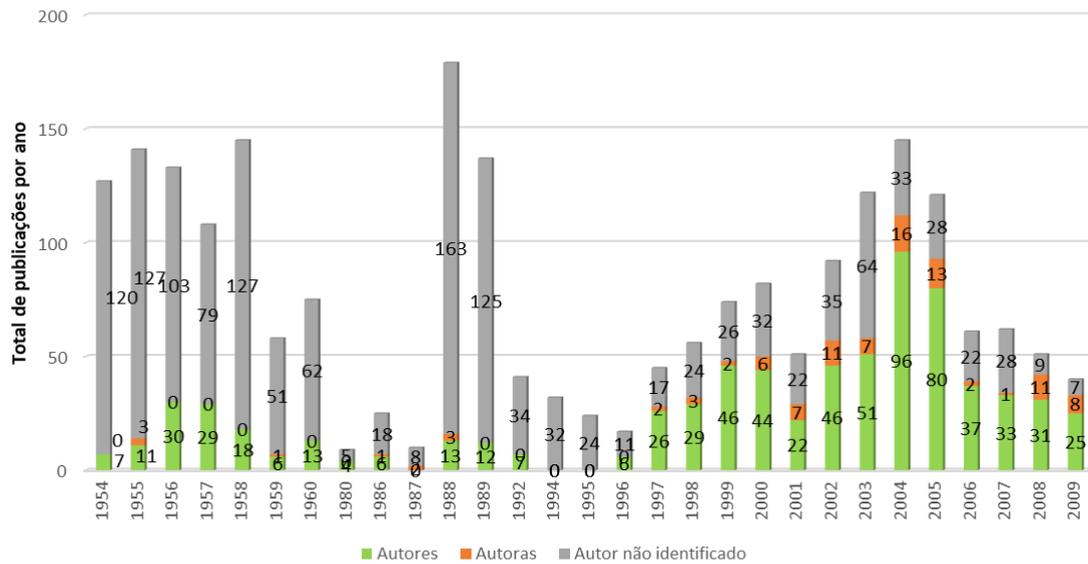
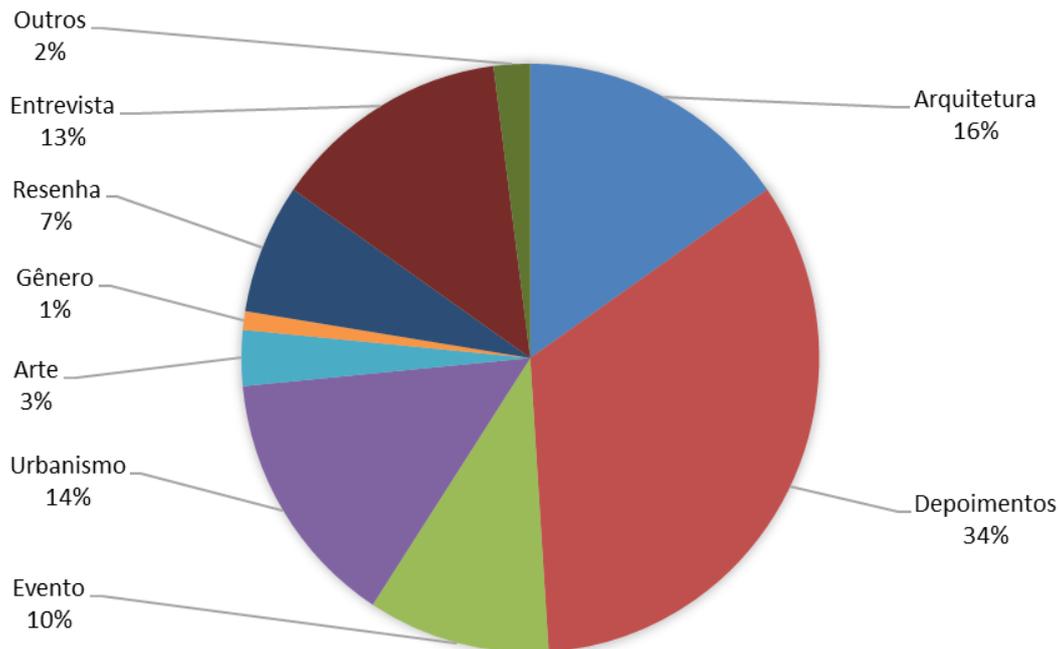


Gráfico 08 – Temas abordados por mulheres no *Boletim IABsp*. Fonte: elaboração dos autores, 2022.



Nesse período de 55 anos, foram contabilizados 2261 publicações, dentre elas: 728 homens e 99 mulheres, enquanto 1.436 publicações não estão identificadas, podendo ser autores ou autoras, ou seja, 64%. Desta forma, com 4% da presença de autoras em contrapartida é majoritária a presença de homens, com 32% de autores. O Gráfico 08 nos permite ter um panorama das temáticas abordadas pelas mulheres: principalmente em depoimentos (34%) expressando suas opiniões, em seguida em assuntos relacionados à arquitetura (16%) e sobre urbanismo (14%).

Entre as edições publicadas, só foi identificado um artigo no qual se discute brevemente gênero na arquitetura, "Espaço Aberto - A Mulher na Arquitetura" da Professora Doutora Márcia Macul. Mesmo que durante o texto ela discorra de forma ampla sobre o campo de trabalho do arquiteto, em determinado momento chama a atenção para o contingente de mulheres que é maior

do que o de homens, e o quanto a mulher está "empenhada em assumir o trabalho e a profissão" (MACUL, 1998, 2). Mas, onde estão atuando estas mulheres?

Um fator que contribui para esta invisibilidade é a falta de mulheres nos espaços de poder. Por exemplo, o primeiro registro de uma mulher na gestão do IABsp foi no período de 1959-1961, com a presença de Rosa Grena Kliass na diretoria. Já o cargo de presidência só foi ocupado por 2 mulheres, as arquitetas Rita Vaz e Rosana Ferrari, porém, em ambas situações, não chegaram ao cargo de maneira direta a sua primeira gestão, ou seja, através de eleições³⁰.

No biênio de 1982-1983, a chapa eleita para ocupar o cargo de presidência da instituição, possuía como presidente José Magalhães Júnior, 1º Vice-presidente Cândido Malta Campos Filho, 2º Vice-presidente Rita de Cássia Vaz Artigas e 3º Vice-presidente Joan Villà. Em depoimento à edição 22 do *Boletim IABsp* do ano 2001, Rita Vaz relembra as circunstâncias que a conduziram à presidência, afirmando que se tratava de um período pós golpe militar de 1964 tendo nacionalmente as primeiras eleições democráticas. Assim, vários arquitetos foram convidados a fazer parte de cargos públicos estaduais e municipais; como exemplo disso, lembra, José Magalhães foi chamado para compor a EMURB (Empresa Municipal de Urbanização) de São Paulo, e Cândido Malta Campos, o segundo vice-presidente foi convidado para assumir a Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo. Com este cenário, Rita Vaz de 2º Vice-presidente assume a presidência de março a dezembro de 1983.

Já no outro caso a chapa que assume a presidência entre os anos de 2008 e 2009 foi a de Joaquim Guedes como presidente e a 1º vice-presidente Rosana Ferrari. Com a morte do presidente, a arquiteta Ferrari assume o cargo de agosto de 2008 a dezembro de 2009. Ao observarmos o Gráfico 07 novamente, é possível perceber um aumento na aparição de mulheres no *Boletim* neste período em que há uma mulher na presidência, se comparado ao biênio anterior (2006-2007). Depois desta gestão, ela se candidata novamente e é eleita de forma direta como presidente pelos associados, assumindo assim o biênio de 2010-2011. Desde então, e até a presente data, não houve outra presidente mulher no IABsp.

Análise contemporânea a partir do 1º Diagnóstico de gênero na arquitetura e urbanismo

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR) é uma instituição que existe com intuito de fiscalizar e direcionar o exercício da profissão no país. Se compromete ainda em "zelar

³⁰ A Presidência do IAB é escolhida a partir de uma eleição, ao qual os associados elegem uma entre as chapas que concorrem à gestão bienal do Instituto.

pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe em todo o território nacional, bem como pugnar pelo aperfeiçoamento do exercício da arquitetura e urbanismo” (LEI nº 12.378, 2010, § 1º do art. 24). Tendo em vista uma melhor execução de suas atribuições em 2012 o CAU/BR elaborou o “Censo dos Arquitetos e Urbanistas”, uma pesquisa realizada através de um questionário com perguntas de múltiplas escolhas e tendo participação dos profissionais ativos. O principal objetivo foi a construção de um retrato do arquiteto e urbanista brasileiro que serviriam para direcionar as ações do órgão. A importância desta iniciativa foi continuada em 2020 sendo, desta vez, realizado um segundo censo.

Os dados recolhidos por ambos Censos contribuíram para ações mais específicas como, por exemplo, o *1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo*, proposto pela *Comissão Temporária de Equidade de Gênero (CTEG)* criada em 2019 a partir da adesão do CAU/BR à plataforma *Women Empowerment Principles*. A coleta de dados aconteceu de forma online entre julho de 2019 e fevereiro de 2020, alcançando 1.268 profissionais, sendo eles 987 arquitetos e urbanistas (767 são mulheres e 208 são homens), além de 212 mulheres e 61 homens de diferentes profissões. Evidenciou-se que as mulheres são a grande maioria na profissão e por isso, o diagnóstico é tão importante ao embasar e servir como ponto de partida no debate de gênero dentro do Conselho.

O diagnóstico aponta que não existe nenhuma diferença, na perspectiva do gênero, em relação à qualificação dos profissionais, mas mesmo na atualidade, possuem experiências totalmente diferentes no exercício do ofício. A área de atuação das mulheres acontece de forma preponderante no ramo da arquitetura de interiores tendo elas uma presença de 70% ao passo que os homens atuam, majoritariamente, na concepção de projetos de arquitetura e urbanismo (Censo CAU, 2020), esses dados podem ser melhor compreendidos ao observar a Figura 01. Este contraste não exclui a melhoria significativa na presença das mulheres em diferentes setores da profissão se compararmos os dados e a forma em que apareciam nas revistas *A Casa e Guanabara/Arquitetura* e no *Boletim IABsp*, outrora apresentados.

Ao falarmos de reconhecimento profissional o diagnóstico revela que os concursos públicos têm participações e premiações em sua grande maioria direcionadas aos arquitetos e urbanistas como mostra a Figura 02; enquanto que as mulheres sofrem ainda com o distanciamento de seus nomes da autoria dos projetos, identificada somente como parte da equipe. Os comentários da Figura 03, recolhidos na consulta, apresentam um estranhamento em mulheres ocupando cargo de gestão, além de gestoras serem “confundidas” com secretárias.

Figura 01 – Área de atuação dos Arquitetos e Arquitetas. Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, 2020.

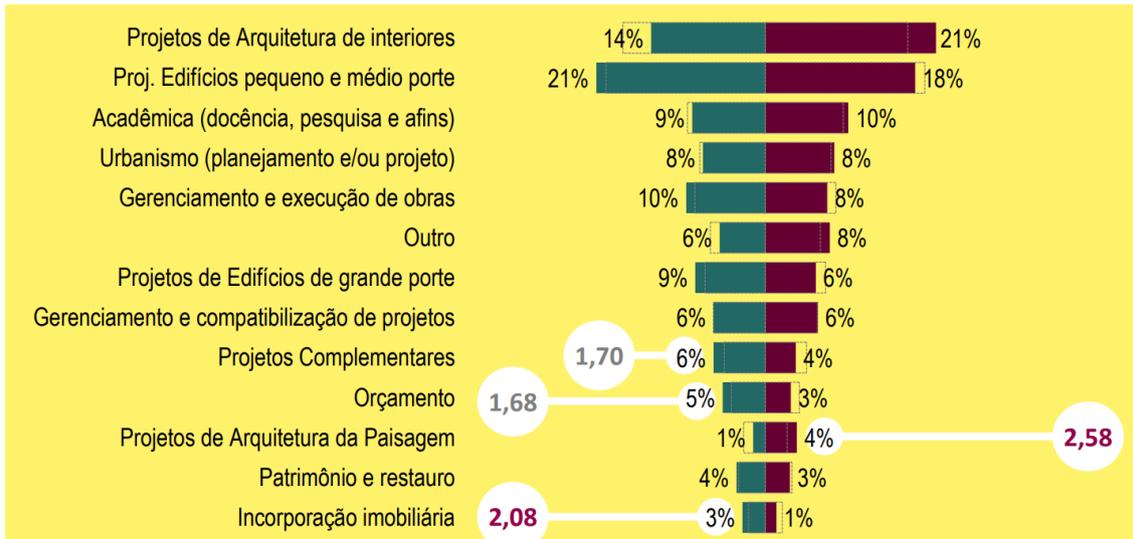


Figura 02 – Participação em Concursos Públicos. Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, 2020.

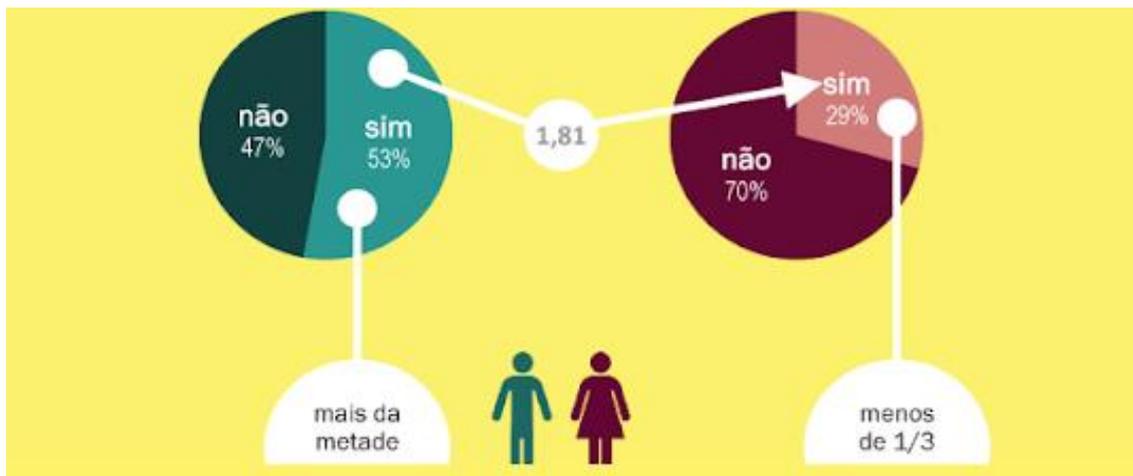
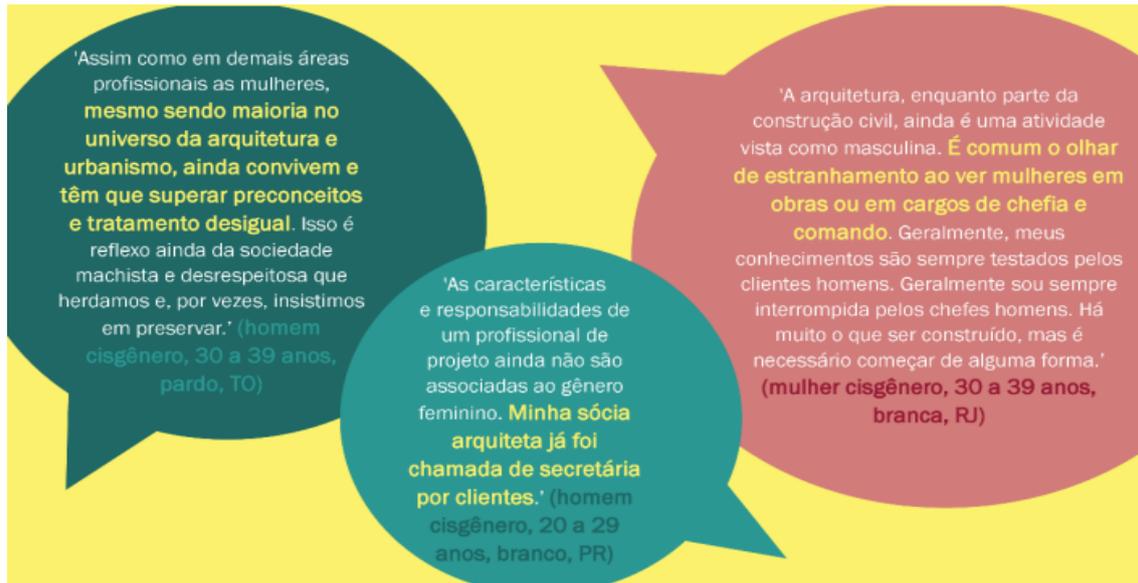


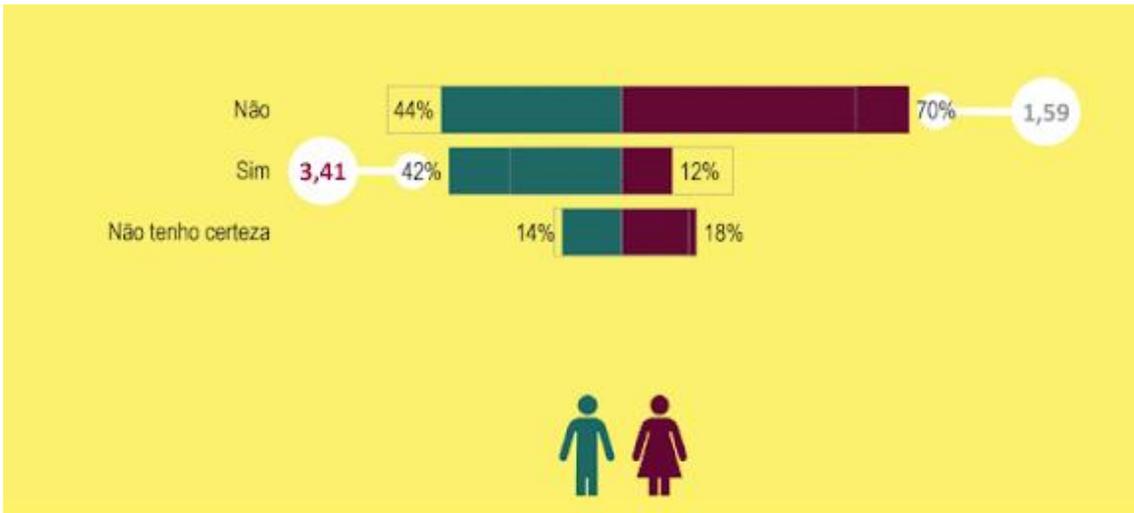
Figura 03 - Comentários sobre reconhecimentos das Arquitetas. Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, 2020.



O estudo traz também demandas que antes não eram consideradas, como a questão racial, que revela as maiores inequidades encontradas no diagnóstico, ao contrastar dados entre mulheres negras e homens brancos, e também questões relacionadas a assédio ou rendimento salarial. Outra informação indicada trata sobre a maternidade, que aparece como mais uma barreira para o exercício profissional da mulher sendo, em percentual, 15 vezes maior que a dificuldade encontrada na paternidade. A Figura 04 elucida o porquê da introdução dessas temáticas serem importantes e sinalizam a necessidade da discussão de gênero de forma mais ampla.

Ao final do levantamento, 82% das mulheres afirmaram que o CAU/BR deve promover a equidade de gênero, enquanto que 65% dos homens expressaram a mesma opinião; isso mostra a ausência de ações de sensibilização com os arquitetos e urbanistas do país. Mas, em compensação, nota-se nas gerações mais novas a percepção da necessidade por uma divisão mais equilibrada dos trabalhos, mostrando assim, uma boa perspectiva de futuro.

Figura 04 - "Arquitetos urbanistas homens e mulheres têm as mesmas oportunidades de trabalho?" Fonte: 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo, 2020.



Uma reflexão do passado para o futuro

O costume em ver, em sua grande maioria, homens se destacando em projetos, prêmios, artigos e escritórios não surge desassociado da sociedade em que vivemos e de como ela foi e vem sendo construída. Um exemplo claro é o principal prêmio de arquitetura e urbanismo, o *Pritzker*, que reflete de forma muito clara esse processo discriminatório de gênero que se revela até os dias atuais: de 42 edições (até 2020) somente 4 prêmios foram destinados exclusivamente a mulheres. Essa construção social pôde ser comprovada a partir dos estudos das revistas, boletins e o diagnóstico avaliado neste artigo.

As três primeiras fontes analisadas (revista *A casa, Guanabara/Arquitetura* e *Boletim do IABsp*) revelaram uma discrepância muito grande em relação à quantidade de mulheres e homens que participam das revistas como autoras, diretoras ou escritoras. Na grande maioria dos casos, os homens representam muito mais que 50% dos responsáveis por projetos, editoriais, artigos ou opiniões. Essa diferença se torna um pouco menor quando percebemos, no caso do *Boletim do IABsp*, que há um aumento de mulheres quando há, na presidência, também mulheres. Na revista *Guanabara/Arquitetura* percebe-se uma tentativa de abranger uma diversidade de publicações

e autores, mas fica claro que essa variedade não diz respeito às mulheres, e nem ao reconhecimento do trabalho por elas realizado. Outro ponto apresentado a partir dessas análises, são os temas pelos quais os nomes das mulheres se apresentam: arquitetura de interiores, decoração, comportamento ou lar, reafirmando a posição da mulher perante a sociedade.

Esses dados não se tornam tão diferentes quando nos voltamos para a contemporaneidade e análise dos dados apresentados pelo *1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo do CAU/BR*. Apesar de se passarem mais de 10 anos entre a última edição do *Boletim do IABsp* e o primeiro diagnóstico realizado pelo CAU/BR não temos tantas diferenças significativas. As mulheres continuam sendo maioria nas pessoas que se formam e minoria nas áreas de atuação analisadas. No entanto, enquanto que na maioria das revistas e boletins analisados não vemos um estudo em relação a raça, no diagnóstico do CAU/BR já conseguimos perceber uma iniciativa para que isso seja examinado, podendo levar a políticas e ações futuras.

Percebe-se, portanto, a pouca diferença na visibilização das mulheres no campo profissional da arquitetura e do urbanismo. Mesmo depois de quase 100 anos, os resultados quantitativos mostram que não há uma mudança grande na atuação profissional das mulheres no campo, refletindo os espaços nos quais a elas é destinado: projetos arquitetônicos de escala menor, principalmente arquitetura de interiores ou decoração, paisagismo, comportamento e moda. A análise qualitativa, a partir disso, fica evidente, refletindo em que momento dentro da história, ou a partir de quais ações, foi possível observar uma maior visibilidade das mulheres na profissão. Apesar disso, os resultados do diagnóstico realizado pelo CAU/BR revelam uma ampliação da discussão acerca do gênero englobando fatores como raça (como já mencionado acima), mas também maternidade, rendimento e assédio (no local de trabalho), o que reflete uma mudança social e uma necessidade de ampliação da discussão sobre gênero, que precisarão ser cada vez mais presentes e necessárias dentro da arquitetura e do urbanismo, como em qualquer outra profissão.

Referências

- Alves Vaz, Rita de Cassia. "Depoimentos". *Boletim IABsp*, março/abril de 2001, https://www.iabsp.org.br/boletins/boletins_2001.pdf
- Boletins IABsp*. Acervo Digital. Janeiro de 1954 a dezembro de 2009. <https://www.iabsp.org.br/home/boletins/>
- Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo. "Sobre". Acessado em 27 de agosto de 2022. <https://www.iabsp.org.br/iab-sao-paulo/>
- Brasil, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do. *1ª Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo*. Brasília: Comissão Temporário para a Equidade de Gênero, 2020. <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-%C3%ADntegra.pdf>
- Brasil, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do. *Censo dos Arquitetos e Arquitetas de 2020*. Brasília: Sistema de Informação e Comunicação do CAU, 2020. <https://www.caubr.gov.br/acesse-os-resultados-do-ii-censo-das-arquitetas-e-arquitetos-e-urbanistas-do-brasil/>
- Lima da Gama, Marina Lage. 2020. "Revista Arquitetura_IAB 1961-1968: principais temas e redes." Comunicação apresentada no Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, São Paulo, 15 a 17 de junho. https://www.academia.edu/44605177/SOBRE_A_REVISTA_ARQUITETURA_IAB_BRASIL_1961_a_1968
- Macul, Marcia. "Espaço Aberto - A Mulher na Arquitetura". *Boletim IABsp*, março/abril de 1998. https://www.iabsp.org.br/boletins/boletins_1998.pdf
- Montaner, Josep, M.; Muxi, Zaida. *Arquitetura e política: Ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- Revista A Casa*. Coleções. Outubro de 1923 a dezembro 1952.
- Revista Guanabara/Arquitetura*. Coleções. Agosto de 1961 a dezembro de 1968.